
A luta por um modo de vida sustentável

Gênero e agricultura urbana orgânica em Valência, Filipinas

Leonora C. Angeles - angeles@interchange.ubc.ca

University of British Columbia, Vancouver, Canadá

Foto 1: L. Angeles - uma participante do Makakabus presta contas do faturamento da organização, em assembleia-geral

Foto 2: L. Angeles - o armazém comunitário estoca arroz orgânico e aluga implementos agrícolas para os integrantes

A promoção de um modo de vida local sustentável por meio da agricultura urbana se tornará inviável se os agricultores urbanos caírem na mesma armadilha de dependência



dos insumos agrícolas químicos de alto custo, tais como fertilizantes químicos e agrotóxicos. As organizações comunitárias das cidades filipinas de Valência e Malaybalay, na província de Bukidnon, e da cidade de Cagayan de Oro, em Mindanao, já perceberam isso e agora promovem decididamente as práticas da Agricultura Urbana Orgânica.

Essas organizações recebem o apoio da Agência Canadense para o Desenvolvimento Internacional (CIDA) para a produção e comercialização de seu arroz, de adubos e outros produtos orgânicos, por intermédio de uma ONG regional.

A promoção de um modo de vida integrado e sustentável através da agricultura urbana orgânica deverá levar em conta não apenas os conhecimentos dos moradores locais, sua participação e seu sentido de propriedade, mas também deverá considerar a identidade (auto-percepção) de acordo com os papéis de gênero e as relações sociais que sustentam a dinâmica da comunidade local. Essas relações sociais podem prejudicar o fortalecimento organizacional das instituições locais envolvidas.

A experiência que relatamos aqui mostra como as agricultoras residentes nas zonas periurbanas se organizaram e se separaram de uma cooperativa matriz, dominada por homens. Assim, dentro desse processo de solidariedade, as mulheres obtiveram mais sucesso que os homens na promoção da agricultura orgânica. Também mostra como a assistência para o desenvolvimento pode ser efetiva ao promover práticas agrícolas sustentáveis e ao apoiar os mais pobres por meio da coordenação de atividades que envolvam outros membros da comunidade e do governo locais.

Associações para a agricultura orgânica

A cooperativa de agricultores e as organizações de mulheres a que nos referimos neste estudo de caso atuam nos povoados periurbanos de Valência, uma cidade recentemente criada em Bukidnon, ao norte de Mindanao, e recebem apoio do Centro de Bukidnon para a Agricultura Sustentável (BCSA). O BCSA trabalha com

pesquisadores da Faculdade de Agricultura da Universidade Xavier, na cidade próxima de Cagayan de Oro, para oferecer assistência técnica às organizações de agricultores locais na promoção da agricultura orgânica. Os pesquisadores da Universidade e do BCSA participam do MASIPAG (1), que tem ramificações em outras cidades próximas de Malaybalay, Cagayan de Oro, Davao e Cotabato. Em Bukidnon, o BCSA trabalha com três organizações de base comunitária: a Cooperativa de Propósitos Múltiplos dos Agricultores de Bukidnon MASIPAG (BMFMC), a organização de mulheres MAKAKABUS (2), e a associação Produtores pelo Desenvolvimento das Terras Altas (UDF).

Raízes organizacionais e desenvolvimento de capacidades

A organização Makakabus foi criada formalmente em junho de 1999, quando ela se separou de sua organização matriz, a BMFMC. No começo as atividades da BMFMC, em 1997 (inicialmente com apenas 60 agricultores – incluindo dez mulheres), os fundos da CIDA foram utilizados para construir um pequeno moinho de arroz e uma central de produção de fertilizantes orgânicos, e para adquirir uma “trilhadora” de arroz, um trator agrícola e um caminhão de três eixos. Entretanto, devido à erosão do capital e à falta de capacitação para a comercialização, o arroz e os fertilizantes orgânicos produzidos pela cooperativa nunca eram bem vendidos. As mulheres membros do BMFMC quiseram ajudar os líderes na recuperação da cooperativa e propuseram a criação de porcos como suplemento da renda derivada da produção de arroz e fertilizantes. A criação de porcos era considerada como uma atividade que não exigia mão-de-obra intensiva e que poderia ser facilmente combinada com o cuidado das hortas familiares e com suas responsabilidades domésticas. Porém a proposta encontrou grande resistência por parte dos associados homens. A maioria das mulheres era formada por esposas e filhas dos membros homens do BMFMC, que não estavam acostumados a admitir em público as suas limitações. O argumento dos homens baseava-se no fato de que a criação de porcos não seria orgânica nem sustentável, pois os porcos iriam consumir rações balanceadas comerciais, embora as mulheres alegassem que essas rações só seriam usadas temporariamente, enquanto não fosse possível produzir localmente as rações. Os pesquisadores da Universidade Xavier apoiaram a posição dos homens. As mulheres, sentindo-se desafiadas, decidiram formar sua própria organização autônoma, denominada MAKAKABUS, embora permanecessem filiadas à cooperativa BMFMC. Ficou decidido que a BMFMC se concentraria na produção orgânica de arroz e adubos, enquanto que a Makakabus se encarregaria principalmente da comercialização desses produtos.

A comercialização dos adubos orgânicos sempre foi um problema. As razões são o baixo poder aquisitivo dos habitantes mais pobres, sejam urbanos ou rurais, a falta de pontos de venda e a pequena escala de produção, que obriga os agricultores orgânicos a venderem seus produtos a preços 10 a 20% mais caros do que os convencionais. Esses problemas são agravados pela difícil localização de Valência, que requer uma viagem de quatro horas por terra até Cagayan de Oro, a capital, de onde é feita a distribuição dos produtos.

O número de membros da Makakabus cresceu rapidamente, como se subitamente a nova identidade organizacional



e a sua independência da cooperativa matriz tivessem despertado o interesse das mulheres para os temas ligados ao desenvolvimento da comunidade. As mulheres agora podiam se afiliar à Makakabus, em vez de fazê-lo junto à BMFMC. O número de sócias cresceu das 45 iniciais, em 1999, para mais de 100 em 2000, e mais de 200 em junho de 2001. A cooperativa de mulheres operava com lucros, atraindo novas sócias com suas cotas de capital, e assim após três meses de trabalho já acumulava um montante de recursos igual ao acumulado pela cooperativa dos homens ao longo de três anos de operações. Ficou claro que os associados homens da BMFMC e os pesquisadores da Universidade haviam subestimado a capacidade das mulheres. Ao perceberem isso, os líderes da BMFMC decidiram prestar mais apoio às mulheres do Makakabus, fornecendo serviços de capacitação financeira e contabilidade, além de assistência para o fortalecimento e desenvolvimento de suas capacidades organizacionais.

Diferentemente da BMFMC, que aceita principalmente agricultores proprietários de terras como membros, muitas das sócias da Makakabus provêm de famílias que não possuem qualquer terreno na região. Como muitas mulheres não têm acesso à terra nem possuem títulos de propriedade, as líderes da Makakabus entenderam que tal exigência discriminaria e excluiria a maioria das trabalhadoras agrícolas interessadas em participar.

A Makakabus criou então uma estrutura organizacional altamente funcional, composta por um comitê central e departamentos temáticos e por subsedes locais instaladas em cada uma das sete comunidades que formam a cidade de Valência, onde todos os membros devem se reunir pelo menos a cada dois meses. As mulheres praticam a criatividade, a flexibilidade e o "aprender fazendo" em tudo que fazem. Quando perceberam que manter um único tesoureiro para toda a organização não satisfazia suas necessidades, elas criaram o posto de secretária-tesoureira para ajudar a pessoa responsável por cada uma das quatro áreas de atividades: modo de vida; adubos orgânicos; equipamentos; e crédito. A organização pôde enfrentar as "dores do parto" e muitas outras provas difíceis graças à transparência em suas operações, principalmente em todas as transações financeiras e registros contábeis, e aos processos democráticos empregados em todas as decisões e atividades organizacionais. Também foram elaboradas diretrizes claras para os membros e não membros, tais como os critérios para dar e receber empréstimos, requisitos para pagamentos, cronogramas de reembolso e devolução de equipamentos emprestados ou alugados, sendo esse um aspecto muitas vezes problemático das operações.

Fontes de renda integradas e diversificadas

A Makakabus sempre procurou novas oportunidades para gerar rendas adicionais e ajudar um número crescente de membros. Enquanto que a BMFMC concentrava-se principalmente na produção de arroz e de adubos, as mulheres da Makakabus logo descobriram o valor da diversificação na produção e na comercialização. "Não nos concentramos em uma coisa só; estamos em tudo", disse a presidenta da Makakabus, referindo-se às diversas atividades da Cooperativa, que vão desde a produção e comercialização do arroz e a venda de fertilizantes orgânicos até a criação de patos (associada ao cultivo de arroz) e porcos, microcréditos para a produção, aluguel de equipamentos agrícolas, e um pequeno negócio de venda de refeições prontas.

A Makakabus também concentrou esforços na comercialização de arroz e de fertilizantes orgânicos, utilizando para isso novas estratégias. Após visitas de familiarização a outras regiões de Mindanao, onde também se pratica a agricultura orgânica, a Makakabus concebeu a idéia de criar granjas demonstrativas para viabilizar a comercialização de seus produtos diretamente para outras cooperativas. A estratégia funcionou bem, pois puderam atrair contratos importantes de venda com a Cooperativa Multipropósito Integrada do Povo (IPMC) que desejava comprar 130

toneladas de adubo orgânico. Esse contato também propiciou a conexão com um dos membros do conselho de administração da IPMC, professor de agricultura da Universidade Central de Mindanao (CMU) em Musuan. Esse professor percebeu um grande potencial na vinculação entre os programas de ensino e de pesquisa da Faculdade de Agricultura da CMU, particularmente com relação aos estudantes preparando teses de graduação e pós-graduação ligadas à agricultura sustentável, com as práticas orgânicas desenvolvidas pela Makakabus, BMFMC e pelas práticas agrícolas da BCSA. Dada a proximidade geográfica da CMU com a Makakabus, essa parceria tornou-se mais eficaz do que a antiga relação com a Universidade Xavier, em Cagayan.

Um modo de vida sustentável para os pobres

A experiência da Makakabus demonstra a importância da autonomia organizacional e das habilidades de liderança acompanhadas por fortes laços de cooperação social reunindo as agências doadoras internacionais e as organizações locais. Nesse caso, os esforços das agências doadoras como a CIDA e o PDAP são louváveis, principalmente devido à sua estratégia atual de focar o tema da responsabilidade financeira e ao mesmo tempo conceder total autonomia e voz aos parceiros locais. O apoio das ONGs intermediárias, como a BCSA e a Universidade Xavier, que inicialmente em sua programação não se preocupavam com a análise de gênero, acabou demonstrando a importância dessa análise, do desenvolvimento de capacidades organizacionais, e da adaptação às culturas locais e às relações sociais.

Ainda mais importante é o fato de que os homens e as mulheres do BMFMC e da Makakabus demonstraram que as linhas de comunicação abertas, as cuidadosas negociações de gênero, e a valorização dos papéis complementares dos sexos – algo intrínseco à cultura local – podem ser fontes potenciais de revitalização organizacional e de novas formas de cooperação institucional. Em lugar de criar uma separação entre as duas organizações, conseguiram converter o conflito inicial em uma aproximação geradora de novas oportunidades, sem permitir que a tradição estimulasse os conflitos de gênero ou perturbasse as relações domésticas e maritais. A (re)construção das identidades e das relações de gênero pode portanto ajudar a promover a agricultura urbana orgânica, especialmente quando mulheres e homens acreditam no mérito que tem a agricultura orgânica para o ambiente, para suas famílias, para a comunidade e para as futuras gerações.

Em um enfoque pragmático, a Makakabus sabe que o fortalecimento e a sustentabilidade institucional dependem, em grande parte, de uma base segura de renda e de uma base consolidada de afiliados, ou seja, de uma boa combinação de recursos naturais, financeiros e humanos. Por isso, enquanto apóia totalmente a produção de arroz e de fertilizantes orgânicos, sabe também da importância que têm as boas estratégias de mercado e a busca de novas fontes de renda, devido ao limitado mercado que existe para o arroz e para os fertilizantes orgânicos.

Notas

1. MASIPAG significa "trabalho duro". É uma rede nacional filipina formada por cientistas, grupos de fazendeiros e agentes de desenvolvimento que lutam contra a difusão das sementes modificadas geneticamente e as práticas insustentáveis da agricultura convencional.
2. MAKAKABUS significa "a favor dos pobres".